



Universidade: presente!

UFRGS
PROPESQ



XXXI SIC

21.25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

EXPERIÊNCIAS DE DISCRIMINAÇÃO RELATADAS POR INDIVÍDUOS DE BAIXA RENDA DO MUNICÍPIO DE SÃO LEOPOLDO-RS

Bolsista: Yasmim Lopes da Conceição- Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
Orientador: Prof. Dr. Roger Keller Celeste- Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

INTRODUÇÃO

As experiências discriminatórias são consideradas um estressor que pode impactar negativamente na saúde mental e física de um indivíduo (PAGER, 2006), já que a discriminação é uma experiência dolorosa e um fenômeno complexo com um certo grau de dificuldade em sua mensuração, principalmente, por apresentar diversos fatores correlacionados. Apesar de haver muitas pesquisas sobre discriminação e saúde, não sabe-se porque muito dos trabalhos científicos analisam os tipos de discriminação isoladamente sem levar em consideração a interseccionalidade entre os diversos tipos de discriminação (SOUZA; LEMKUHL; BASTOS, 2015).

A interseccionalidade busca compreender como a articulação de diferentes categorias sociais (classe social, gênero, raça/etnia, cor, sexualidades, moradia, opinião política, entre outras) se encontram inter-relacionadas e estruturam a vida dos sujeitos, produzindo desigualdades e injustiças (PERPÉTUO, 2017). Sendo assim, esses grupos com múltiplos status de desvantagem (ex. mulheres negras) muitas vezes, embora nem sempre, tenham resultados de saúde mais baixos do que os grupos com um único status de desvantagem (BASTOS, 2018).

OBJETIVO

Identificar e compreender os contextos em que pessoas mais velhas e/ou de baixo nível educacional foram e são discriminadas ao longo da vida sob a perspectiva da teoria interseccional.

METODOLOGIA

Será realizado um estudo qualitativo com indivíduos maiores de 18 anos que responderam positivamente a alguma das perguntas da Everyday Discrimination Scale (escala de discriminação) utilizada no projeto “Efeito do bolsa família na saúde bucal para a população de baixa renda do município de São Leopoldo”, sobre ser discriminado por sua cor ou raça, ser homem ou mulher, orientação sexual, religião ou culto, condição socioeconômica, instrução ou função, idade, atividade política, aparência física ou outro motivo, na forma de uma entrevista presencial com um roteiro semi-estruturado com questões abertas, onde será permitido que o indivíduo conte detalhadamente sua experiência de discriminação.

RESULTADOS ESPERADOS

Espera-se que com as entrevistas consiga-se compreender e mensurar adequadamente as diversas formas de discriminação sofridas pelos indivíduos.

REFERÊNCIAS

- PAGER, D. Medir a discriminação. *Tempo soc.*, São Paulo, v.18, n. 2, p. 65-88, Nov 2006.
- SOUZA, M. V. C.; LEMKUHL, I.; BASTOS, J. L. Discriminação e sofrimento psíquico de graduandos da Universidade Federal de Santa Catarina. *Rev. Bras. Epidemiol.*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 525-537, Set 2015.
- BASTOS, J. L.; HARNOIS, C. E.; PARADIES, Y. C. Health care barriers, racism, and intersectionality in Australia. *Soc sci med*, v. 199, p. 209-218, Feb 2018.
- PERPÉTUO, C. L. O conceito de interseccionalidade: contribuições para a formação no ensino superior. In. SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL, 5., 2017, Maringá. Anais Maringá: UEM, 2017.